

# O MITO REVISITADO: A PERSPECTIVA NARCISISTA EM A BELA E A FERA OU A FERIDA GRANDE DEMAIS, DE CLARICE LISPECTOR

JÉSSICA LIMA E SILVA<sup>1</sup>

FRANCISCO DAS CHAGAS SILVA DE JESUS HERNANDEZ<sup>2</sup>

ELIANE FERREIRA DE ARAUJO ALVES<sup>3</sup>

MARGARETH TORRES DE ALENCAR COSTA<sup>4</sup>

## RESUMO

Conhecer Clarice Lispector e suas narrativas é como navegar no mundo das personagens e, além disso, é possível perceber os dramas vividos, as indagações a respeito de sua existência e as posturas que assume diante das circunstâncias. A escrita da autora é discernida no campo literário pela individualidade demarcada por traços meditativos e introspectivos e pela representatividade simbólica do feminino em decursos diversos. Ao se tratar da individualidade, logo é possível notar a presença de elementos míticos individualistas modernos identificados nas obras de Clarice e mediante tais conhecimentos, o propósito da pesquisa é analisar de que forma o mito narcisista se apresenta no conto clariceano *A bela e a fera ou A ferida grande demais* e para tal análise, o referencial teórico-metodológico de aporte à pesquisa foi realizado com o intento de entender a complexidade e subjetividade da escrita de Clarice Lispector, suas conexões com o individualismo moderno e por fim, a análise do conto objeto de estudo e seus encadeamentos relacionados ao mito de Narciso. Portanto, como suporte teórico, esta pesquisa é subsidiada por Lasch (1983), trazendo o conceito de narcisismo, Ribeiro (2020) abordando as relações entre mito e literatura e Nunes (2009) elencando alguns traços acerca da escrita de Lispector. O enredo da obra possibilita uma reflexão sobre as principais problemáticas do individualismo moderno: a valorização acentuada do ego, da subjetividade, o enaltecimento da beleza, em como se dá a representação da mulher neste contexto, as desigualdades entre classes sociais cada vez mais delineadas e a cegueira ideológica e moral presente na conjuntura pós-modernista.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; A Bela e a Fera ou A Ferida Grande Demais; Individualismo Moderno; Mito de Narciso.

1 Mestranda em Literatura pelo PPGEL – UFPI, jessicals@ufpi.edu.br;

2 Mestrando em Literatura pelo PPGEL – UFPI, professordjesus.2013@yahoo.com.br;

3 Mestranda em Literatura pelo PPGEL – UFPI, elianearaujo94@hotmail.com;

4 Professora Orientadora: Doutora em Teoria Literária pela UFPE, margazinha2004@yahoo.com.br.

## INTRODUÇÃO

Conhecer Clarice Lispector e suas narrativas é como navegar no mundo das personagens e, além disso, é possível perceber os dramas vividos, as indagações a respeito de sua existência e as posturas que assume diante das circunstâncias. Em sua enigmática obra, há um enlace entre a maioria, senão todas, as figuras femininas, ocupando espaços caseiros, desempenhando apenas papéis domésticos, de esposas, mães e donas do lar. De um modo amplo, a recorrência e a necessidade das relações interpessoais, permeadas pelas peculiaridades de cada um, revelam as fragilidades das relações humanas e colocam em evidência as necessidades dos indivíduos, transparecendo assim, os conflitos entre ser e parecer. Diante disso, o presente artigo tem como propósito analisar a presença do mito narcisista no conto ***A bela e a fera ou A ferida grande demais***, de Clarice Lispector (1977). Esta análise tem como objetivos, apresentar de que forma se dá a complexidade e subjetividade da escrita de Clarice Lispector, suas conexões com o individualismo moderno e por fim, explorar o objeto de estudo e seus encadeamentos relacionados ao mito de Narciso.

O referido conto concebe-se em um diálogo com o mito de Narciso, no qual a alegoria do espelho subitamente provoca inquietação, tornando-o um ser vazio. São de fácil identificação na narrativa as marcas narcisistas, onde a personagem principal, Carla de Sousa e Santos, tradicional figura da burguesia, se preocupava somente em cuidar da beleza e frequentar reuniões com outras mulheres da sociedade. Identificando, além de tudo, que era linda, bela, rica, casada, de família conservadora e um nome a zelar. Subitamente, tudo parece mudar o sentido de ser e viver no instante em que ocorre um encontro com um mendigo.

Diante disto, o estudo aqui apresentado se justifica a partir do momento em que se nota a escassez de trabalhos científicos a cerca do tema em questão. As obras de Clarice Lispector são copiosamente estudadas, porém poucas delas são analisadas a partir do aspecto pós-moderno narcisista e para realizar tais investigações e relações com o mito proposto, como aporte teórico foram fundamentais os estudos de Brait (2007) acerca das características da personagem e do narrador; Ribeiro (2020) abordando as relações entre mito e literatura, Lasch (1983) trazendo as implicações sobre o conceito de narcisismo e Nunes (2009) elencando algumas questões sobre a escrita de Clarice Lispector.

## A ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR NO CONTO A BELA E A FERA OU A FERIDA GRANDE

A escrita de Clarice Lispector é discernida no campo literário pela individualidade demarcada por traços meditativos e introspectivos e pela representatividade simbólica do feminino em decursos diversos. No caso específico do objeto de estudo desta pesquisa, o conto *A bela e a fera ou A ferida grande demais*, Clarice apresenta um narrador observador que relata e se aprofunda na particularidade dos personagens expondo perspectivas sociais que tratam do gatilho produzido pela interação entre Carla e o mendigo. Para Brait (2017) este tipo de narrador em sua posição de observador não personificado, traz os movimentos que vão projetando o personagem, seus sentimentos e pensamentos. Diante disso, —o leitor [...] como observador, vai assistindo ao seu nascimento, seu despertar para a realidade impalpável, sua dolorosa conquista da consciência (BRAIT, 2007, p.75).

Sobre o conto, apresenta um enredo com poucos personagens: Carla de Sousa e Santos, o mendigo e o motorista. É uma narrativa curta, em volta de um único núcleo dramático: o encontro impactante, surpreendente e revelador entre Carla e o mendigo, a partir das aparentes distinções tanto físicas quanto sociais entre eles. A narrativa ficcional se passa em uma rua da cidade do Rio de Janeiro, em frente a um condomínio de luxo, o Hotel Copacabana Palace, do qual a personagem Carla havia saído e se deparado com um mendigo a lhe pedir esmola:

Começa:

Bem, então saiu do salão de beleza pelo elevador do Copacabana Palace Hotel. O chofer não estava lá. Olhou o relógio: eram quatro horas da tarde. E de repente lembrou-se: tinha dito a "seu" José para vir buscá-la às cinco, não calculando que não faria as unhas dos pés e das mãos, só massagem. (LISPECTOR, 1999, p. 95).

A partir daí o conto se constitui, a começar pelas dissemelhanças sociais entre Carla e o pedinte, pela antinomia entre o impecável (acerca de Carla) e o picaresco (acerca do mendigo). Carla de Sousa e Santos começa a pensar e se indagar como seria a vida daquele insólito homem que acabara de encontrar ali e o narrador observador descreve o momento interior dos personagens, quando o mendigo se torna motivador da perturbação de Carla, retraindo-a do estado adormecido, anestésico e desimportante em que vivia.

Em todo o decorrer do texto, a personagem está envolvida num enredado de pensamentos, marcando o fluxo de consciência e diante disto, pode-se dizer que o foco narrativo se constitui na mente das personagens, sendo o monólogo interior e os diversos questionamentos vividos, uma grande marca da famosa introspecção do conto e da prosa de Lispector. Outro aspecto relevante é o tempo do texto, que condiz à estrutura de um conto: breve, sintético e por se aplacar ao que é apropriado, ou seja, a história diz o essencial, mesmo quando faz variações de momento, o que caracteriza o *flashback* que é comum de ser vivido por qualquer pessoa da sociedade pós-moderna.

Posto isto, foi observado que o conto revisita o mito pós-moderno de Narciso, quando a personagem Carla, uma intrínseca mulher rica de bens materiais, preocupada apenas com sua beleza e status social, começa a se reconhecer como sujeito, motivada pelas epifanias ocorrentes após o encontro com o mendigo. O caráter individualista e introspectivo é a ponte de comparação e análise entre o conto clariceano e o mito narcísico. Trata-se de um encadeamento dialético entre a natureza permanente do mito e o dinamismo do conto. De acordo com Ribeiro (2020), essa relação entre mito e literatura embora seja uma vertente julgada como uma menor dimensão da crítica literária quando comparada à colossal preferência pelos estudos no âmbito da relação entre literatura e história ou literatura e sociedade, não são raros os casos de autores de importância incontestável que recobram as raízes mitológicas para escrever suas obras.

Diante das ponderações anteriores observou-se que o desencadeamento do mito de Narciso e a metáfora entre o espelho e o reflexo na água nos conduzem ao discernimento dicotômico: como o sujeito se vê e como ele realmente é. A constatação se dá por meio da evolução de atitudes narcísicas, prolixa de introspecção e do individualismo, para o encantamento do Eu e para a metamorfose. Analisando a partir de uma perspectiva, o estudioso Lasch (1983), expressa o conceito de narcisismo como uma forma de entender o impacto mental e psicológico causado pelas mudanças sociais atuais. Para o autor, o narcisismo presente nas sociedades contemporâneas seria uma defesa contra as tensões e ansiedade da vida moderna.

Ainda sobre o tema, Cavalcanti (2003) apresenta Publio Ovídio Naso, poeta latino, como o primeiro escritor a escrever uma narrativa sobre o mito de Narciso, um jovem admirável, belo e audacioso que nunca estava contente com sua beleza, que era contemplada e desejada por todos. Ele não amava ninguém, tampouco se importava com o amor que outros lhe

dirigiam. Seu ego estava acima de todos, não existia amor e doçura em seu coração. Como consequência de seus atos, foi castigado. Um dia, ao olhar-se refletido nas águas da fonte Téspia, apaixonou-se pela própria imagem e em seguida morreu às margens do rio. Desse modo, podemos compreender os narcisistas como sujeitos que se caracterizam pela superficialidade emocional, pela autovalorização do próprio sujeito, pelo medo de envelhecer e o temor da morte, assim o sujeito narcisista não contempla sobre sua essência, ou seja, vive na frivolidade, sendo incapaz de ponderar a realidade ao seu redor.

Assim se mostra a personagem Carla, que evita refletir sobre sua vida e também não se vale da existência do outro. Ademais, a autorreflexão seria capaz de despertá-la e poderia ser perigoso, ascendendo em uma crise identitária, num processo de autoconhecimento que a tirasse de sua zona de conforto, de uma inércia na qual estava vivendo, da cegueira pós-moderna. Carla era muito bonita, bem casada, mãe de três filhos e rica, o que mais poderia desejar? Existia algo mais apeteceria para uma mulher burguesa?

## **O CONTO *A BELA E A FERA OU A FERIDA GRANDE* DEMAIS: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA NARCÍSICA**

O conto *A bela e a fera ou A ferida grande demais* de Clarice Lispector foi escrito em 1977 e publicado postumamente no ano de 1995, sendo provável que a autora tenha tentado recuperar por meio da obra, ainda que de forma inconsciente, experiências que se unem a uma circunstância ocasional em que o texto foi escrito: o ano de sua morte. No obra contística, cujo gênero é tão aforado na narrativa ficcional da autora, muitas vezes são traçados um tipo de movimento identitário e social lacônico que faz uma convergência com seu universo individual.

A análise pode ser iniciada com a própria dicotomia existente no título do conto. Em um primeiro âmbito *A bela e a fera* faz uma intertextualidade consciente ao conto de fadas, mostra-se quase como uma invocação aos leitores para que adentre na narrativa ficcional, na narrativa fantástica, na narrativa dos sonhos. Nas obras de Clarice, a ênfase não é o amor de costume como nas narrativas fantásticas com o famoso e "foram felizes para sempre", mas focar o problema da imagem, a antítese belo e feio, ambiguidade como eu/ outro, presentes também na ideologia narcisista.

Já a conjunção "ou" comunica o inverso, apresentando ao leitor a realidade, *A ferida grande demais*. A autora possivelmente sugestiona que para

o mundo de fantasia em que a personagem Carla vive não há outra possibilidade que a de defrontar suas feridas, e todas as tristezas consequentes delas. Nesse confronto entre real e ficcional, na escrita de Lispector —[...] as coisas apresentam uma fisionomia dupla: a comum, exterior, produto do hábito, e a interna, grande e profunda, da qual a primeira se torna símbolo (NUNES, 2009, P.120).

Diante da ideia que histórias recontam histórias fazendo uma teia de fatos narrativos, no conto *A bela e a fera*, a escritora explora o arquétipo das narrativas fundamentais e primeiras, inclusive as experiências da mulher pós-moderna da metade final do século XX em uma sociedade conservadora, misógina e machista. Essas narrativas se fazem conectar textualmente ou nos fazem alusão a mitos que servem como base para o entendimento e a interpretação psicológica tanto da personagem protagonista como da própria autora.

Logo no início do texto, ao sair do salão de beleza localizado no Copacabana Palace, prédio luxuoso do Rio de Janeiro, a personagem Carla se depara com um espelho e se admira com o que contempla:

Quando se viu no espelho — a pele trigueira pelos banhos de sol fazia ressaltar as flores douradas perto do rosto nos cabelos negros —, conteve-se para não exclamar um —ah!” — pois ela era cinquenta milhões de unidades de gente linda. Nunca houve — em todo o passado do mundo — alguém que fosse como ela. E depois, em três trilhões de trilhões de anos — não haveria uma moça exatamente como ela. Eu sou uma chama acesa! E rebrilho e rebrilho toda essa escuridão!”(LISPECTOR, 1999, pg. 54).

Analisando o trecho anterior, ao se olhar no espelho, a metáfora literária de Narciso se faz presente logo nos primeiros pensamentos da personagem Carla que assim como Narciso, se tranca em um mundo de taciturnidade, mas distintamente do mito grego, consegue reagir ao imprevisto do mendigo a lhe pedir. A protagonista afirma que —a beleza pode levar a um estado de loucura que é a paixão”. (LISPECTOR, 1999, p. 96), tal beleza que, fatalmente, apoderou-se também de Narciso, que ao ver seu reflexo na água, apaixona-se por si e morre pela impossibilidade de consumação de tal sentimento.

É nítida a presença do referido mito revisitado no conto, já que a personagem Carla busca a beleza física e sabe que foi através de sua aparência que se posicionou tão privilegiadamente na sociedade: —A beleza pode ser uma grande ameaça. =[...] Se eu não fosse tão bonita teria outro destino’

pensou ajeitando as flores douradas sobre os negríssimos cabelos.” (LISPECTOR, 1999, p. 57).

É possível observar ainda, as diversas figuras que validam a existência da mulher no cenário social, a partir do argumento figurado e tropológico presente na edificação da imagem e, principalmente, o peso alegórico enfatizado na cegueira aparente observada na ação da protagonista, pois o espelho que concede o ato de contemplação, muitas vezes, é miragem, que desvela a relação entre sujeito e realidade exterior e em específico, a percepção do eu em relação ao outro e ao seu mundo abrangente.

Sobre a personagem Carla, a princípio pode ser considerada uma pessoa narcisista. Ela leva uma vida fútil e superficial, preocupando-se somente em conseguir aceitação e admiração da sociedade burguesa a qual pertence. Ela parece ciente da sua superioridade em relação aos outros, pois, é conhecedora de que não há ninguém como ela:

“Se tivesse marcado com ‘seu’ José na saída da Avenida Atlântica, o hotel que ficava o cabeleireiro não permitiria que ‘essa gente’ se aproximasse. Mas na Avenida Copacabana tudo era possível: pessoas de toda a espécie. Pelo menos de espécie diferente da dela.” (LISPECTOR, 1999, p. 55).

Ao fazer tais contemplações de consciente superioridade, Carla faz as primeiras reflexões do conto em relação a essa frágil soberania: “[...] Pelo menos de espécie diferente da dela. \_Da dela?’ Que espécie de ela era para ser ‘da dela?’” (LISPECTOR, 1999, p.55).

A partir desse encontro de Carla com anônimo mendigo e sua ferida aberta na perna, a protagonista se vê diante de uma série de outros pensamentos relacionados à sua existência enquanto membro de uma sociedade. A imagem do homem com uma ferida grande demais, provoca de forma consciente na protagonista a complexidade da miséria humana identitária e existencial. E por meio de uma epifania, ela reavalia seus arquétipos e fica vulnerável à realidade, à ferida grande demais que passa a analisar para si mesma e para o leitor. Portanto, o narrador em terceira pessoa, observante, caracteriza e adentra o universo inerente de cada personagem, classificando-se onisciente e onipresente já que se aprofunda no psicológico e narra aspectos sociais que servem como vínculo entre Carla e o mendigo.

A essência do conto é a comparação da grande ferida, tomada para manifestar o drama vivido por Carla de Sousa e Santos. Com sua ferida grande demais, o mendigo faz com que a protagonista se depare com suas próprias “feridas interiores”. Nesta ação introspectiva, se percebe que:

“Sempre era ela, com outros, e nesses outros ela se refletia e os outros refletiam-se nela” (LISPECTOR, 1999, p. 95), revelando uma vida vivida não para si mesma, mas para os outros. Carla é caracterizada como uma personagem preocupada com o pensamento e a opinião do outro a respeito dela, o outro apontava seus defeitos e virtudes, fazendo com que ela se esquecesse da própria vida, até ao ponto de pensar que ela “nada era” e que não tomava nem mesmo decisões por si própria:

“Viu que não sabia gerir o mundo. Era uma incapaz, com cabelos negros e unhas compridas e vermelhas. [...] Simplesmente ela não tinha o que fazer. Faziam tudo por ela. Até mesmo os dois filhos – pois bem, fora o marido que determinara que teriam dois ...” (LISPECTOR, 1999, p. 56)

Carla tende a compreender que sua vida era uma projeção do acaso, determinada pela posição do esposo e pela sociedade, sempre viveu para os outros, menos para si mesma, mas ela não era apta a modificar sua trajetória, pois a preocupação que tinha era um nome a preservar. Porém, diante do espelho, a experiência de se reconhecer pode ser transformadora, pois o mendigo foi o responsável por afastá-la do curso, da imobilidade, da existência fútil em que vivia: “Não. O mundo não sussurrava. O mundo gri-ta-va!!! Pela boca desdentada desse homem.” (LISPECTOR, 1999, p. 57). No conto, a personagem “se depara com a própria paradoxal ausência” (ALMEIDA, 2004, p. 47), marcando o labirinto da sua própria existência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em o conto *A Bela e a Fera ou a ferida grande demais*, a ferida é o âmago de sobrevivência dos dois personagens: o mendigo e Carla de Sousa e Santos. A lesão daquele é física, uma enfermidade que é exposta ao público sem lhe causar maiores preocupações. É por meio da observação da cena grotesca do ferimento que Carla desperta para sua própria ferida, não física, mas psicológica. É no instante contemplativo sobre o mendigo que a protagonista se dá conta, no reflexo, quem ela realmente é, ou seja, a representação do verdadeiro eu de Carla, só é revelado a partir de uma imagem enferma do corpo. O encontro com o mendigo ajuda para o despertar da realidade da protagonista: mulher rica, que vive em salões de beleza, criando máscaras para sua aceitação na sociedade.

A protagonista revela certo aprisionamento motivado pelos diversos papéis atribuídos à mulher como: dona de casa, mãe, mulher, amante – e ainda suas inúmeras máscaras necessárias para ser aceita. Por intermédio da narrativa vivida pela personagem, e, sobretudo, através de sua ação

reflexiva e introspectiva, é possível perceber a crise existencial e identitária da personagem.

Carla é a representação de Narciso dos dias atuais, principalmente pelo estímulo à exaltação do eu nas redes sociais, campo propício para preconceitos, fanatismos e violência e, também, uma vez que a personagem se apresenta esfacelada, desmascarada, ciente da existência do não-eu, ciente de sua cegueira social. E o mendigo, o espelho que permite um reflexo introspectivo que a leva a um estado de epifania, é o elemento revelador de sua imperial verdade, outorga a compreensão que separa o universo da essência do universo da aparência.

A evidente relação do mito de Narciso revistando o conto literário de Clarice Lispector se constitui a partir da valorização da imagem, a beleza física, a vaidade, o individualismo, a insensibilidade em relação ao outro e esse ideal do eu: se o espelho mostra o reflexo desejado, se a sociedade aceita essa imagem e se a alegoria das máscaras cumpre o papel de manter cada indivíduo em “seu lugar”.

Por fim, o que difere o mito do conto é que Narciso enxergou-se como além de um simples mortal, com arrogância e destruição do ego alheio, apaixonou-se por si mesmo e afogou-se numa imagem profunda de si, perdendo-se completamente. Já na narrativa do conto, a personagem Carla, que vivia alienada num mundo de aparências, futilidades e por conveniências, durou até ao momento de ser confrontada com sua verdadeira realidade, através do encontro com o mendigo e esse despertar salvou sua vida.

## **ABSTRACT**

Getting to know Clarice Lispector and her narratives is like navigating the characters' world and, in addition, it is possible to perceive the dramas experienced, the questions about her existence and the postures she assumes in face of the circumstances. The author's writing is discerned in the literary field by the individuality demarcated by meditative and introspective traits and by the symbolic representation of the feminine in different courses. When dealing with individuality, it is immediately possible to notice the presence of mythical modern individualist elements identified in Clarice's works and through such knowledge, the purpose of the research is to analyze how the narcissistic myth is presented in the Claricean tale Beauty and the Beast or The wound was too big and for such an analysis, the theoretical-methodological framework for the contribution to the research was carried out in order to understand the complexity and subjectivity of Clarice Lispector's writing, its

connections with modern individualism and, finally, the analysis of the object story of study and its chains related to the myth of Narcissus. Therefore, as theoretical support, this research is subsidized by Lasch (1983), bringing the concept of narcissism, Ribeiro (2020) approaching the relationship between myth and literature and Nunes (2009) listing some traits about Lispector's writing. The plot of the work allows a reflection on the main problems of modern individualism: the accentuated valuation of the ego, of subjectivity, the enhancement of beauty, in how the representation of women in this context occurs, the inequalities between social classes increasingly outlined and the ideological and moral blindness present in the postmodernist situation.

**Keywords:** Clarice Lispector, Beauty and the Beast or A Wound Too Big, Modern Individualism, Myth of Narcissus.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. R. de. **A Experimentação do Grotesco em Clarice Lispector:** ensaios sobre literatura e pintura. São Paulo: Nankin Editorial: EDUSP, 2004.

BRAIT, Beth. **A personagem.** São Paulo: Contexto, 2017. 176 p.

CAVALCANTI, Raissa. **O mito de Narciso:** o herói da consciência. 1. ed. São Paulo: Rosari, 2003. 256 p.

LASCH, Christopher. **A cultura do Narcisismo.** 1. ed. Rio de Janeiro: LTDA, 1983. p. Disponível em: <https://idoc.pub/documents/a-cultura-do-narcisismo-christopher-lasch-zpnxqkd07e4v>. Acesso em: 12 maio 2021.

LISPECTOR, Clarice. A bela e fera ou A ferida grande demais. In: **A bela e a fera.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-a-bela-e-a-fera-clarice-lispector-em-pdf-epub-e-mobi/>. Acesso em: 11 maio 2021.

NUNES, Benedito. O mundo imaginário de Clarice Lispector. In: NUNES, Benedito. **O dorso do tigre.** São Paulo: 34, 2009. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/o-dorso-do-tigre-62332ed68768.html>. Acesso em: 12 maio 2021.

RIBEIRO, Rafael. **Conto e mito, por Eleazar M. Meletínski.** Literartes, São Paulo, ed. 12, p. 309-334, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/173040/165461>. Acesso em: 12 maio 2021.